



## **Revolução e contrarrevolução na Guatemala na segunda metade do século XX**

Paulo Alves Pereira Júnior<sup>1</sup>

### **Resumo**

Resenha crítica do livro *A revolução guatemalteca*, escrito por Greg Grandin e publicado pela Editora UNESP em 2004. Tal obra pertence à coleção *Revoluções do Século XX*, organizada por Emília Viotti da Costa.

**Palavras-chave:** Guatemala, Revolução Gualtemalteca, América Central.

### **Revolución y contrarrevolución en Guatemala en la segunda mitad del siglo XX**

#### **Resumen**

Reseña del libro *La revolución guatemalteca*, escrito por Greg Grandin y publicado por la Editora UNESP en 2004. Esta obra pertenece a la colección *Revoluciones del siglo XX*, organizado por Emilia Viotti da Costa.

**Palabras clave:** Guatemala, Revolución Gualtemalteca, América Central.

### **Revolution and counterrevolution in Guatemala in the second half of the twentieth century**

#### **Summary**

Critical review of the book *Gualtemalteca revolution*, written by Greg Grandin and published by UNESP Publishing House in 2004. This work belongs to the *Revolutions of the 20th Century* collection, organized by Emília Viotti da Costa.

**Key words:** Guatemala, Gualtemalteca Revolution, Central America.

A obra *A revolução guatemalteca* pertencente à coleção **Revoluções do Século XX**, organizada por Emília Viotti da Costa, é escrita pelo historiador estadunidense Greg Grandin, professor da New York University. O livro narra os aspectos políticos, econômicos e sociais da Guatemala após a Segunda Guerra (1939-1945) e trabalha com dois eixos centrais: o processo da Revolução Guatemalteca (1944-1954) e a contrarrevolução de junho de 1954, que

<sup>1</sup> Bacharel em História - América Latina pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNI-LA). Mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

depôs o presidente Jacobo Arbenz com a ajuda do governo estadunidense.<sup>2</sup>

No início, Grandin identifica o impacto do pós-Segunda Guerra na América Latina. A restauração/elaboração de governos democráticos e a introdução de uma política modernizadora caracterizaram os países da região após o referido conflito. Com o surgimento da rivalidade entre Estados Unidos da América (EUA) e União Soviética, certas nações da América Latina sofreram um golpe contra a democracia estabelecida. Em tal contexto, uma onda de protestos urbanos na Guatemala, liderada por “(...) estudantes, professores, militares reformistas e a classe média emergente” (p. 21), depôs o governo de Jorge Ubico (1931-1944),<sup>3</sup> dando início aos “(...) dez anos de primavera” (p. 19).

Grandin, no primeiro capítulo, descreve o processo da Revolução de Outubro. Iniciada em 1944, a revolta garantiu liberdades e reformas político-econômicas. Essas medidas foram adotadas pelos dois estadistas eleitos democraticamente: Juan José Arévalo (1945-1950) e Jacobo Arbenz Guzmán (1951-1954). A proposta desses governos era fortalecer a classe média e promover a noção de um Estado intervencionista que poderia modernizar o país. As reformas trabalhistas e agrárias, que limitavam o poder da burguesia local, tornaram obrigatórias “(...) o investimento nas relações produtivas” (p. 22-23) e foram fundamentais para a construção de um Estado forte e ativista. Tais ações refletiam o ideário *etapista* dos comunistas latino-americanos, pois essas transformações seriam necessárias para concluir a transição para a modernização capitalista.<sup>4</sup> Apesar de ser respeitado na região e de desenvolver conquistas no campo político-econômico – como a reforma agrária –<sup>5</sup> o governo democrático de Arbenz foi derrubado, em 1954, pelos opositores locais, com o apoio dos Estados Unidos. Entretanto, a influência dos logros da Revolução de Outubro manteve-se

<sup>2</sup> O livro de Grandin narra a história guatemalteca após 1945, apesar de citar o governo de Jorge Ubico. Para uma percepção mais aprofundada sobre os processos históricos da Guatemala, recomendamos o capítulo “Guatemala: meio século de história política” (1990), de Edelberto Torres Rivas. O autor expõe a história do país desde a ditadura de Estrada Cabrera, no século XIX, até o governo de Júlio Méndez Montenegro (1966-1970).

<sup>3</sup> Para saber mais sobre o governo de Jorge Ubico, recomendamos a leitura do sub-capítulo “El estado de Ubico” (1993), escrito por Richard N. Adams. O texto discute as políticas públicas do governo Ubico, sobretudo em relação aos indígenas e aos camponeses.

<sup>4</sup> Na concepção do marxismo-leninismo, primeiramente se criaria uma burguesia local, para depois desenvolver uma revolução burguesa, e, por fim, a revolução do proletariado. Bernardo Ricupero (1998) corrobora com essa perspectiva, apontando visões de importantes marxistas, como Caio Prado Júnior e José Carlos Mariátegui. Por sua vez, Michel Löwy (1998) critica o etapismo/evolucionismo dos marxistas. Diferente de Grandin, Löwy, afirma que com “(...) a revolução cubana, a revolução nicaraguense e os movimentos revolucionários em El Salvador e Guatemala, abre-se um novo capítulo na interpretação do marxismo na América Latina. Sem ter necessariamente uma relação direta com as obras de Mariátegui, estes movimentos buscam reencontrar ou reinventar um marxismo não-evolucionista, capaz de orientar uma praxis radical de caráter social” (LÖWY, Michael. “Notas sobre a recepção do marxismo na América Latina”. In: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo (Orgs). *América Latina: história, ideias e revolução*. São Paulo: Xamã, 1998, p.15).

<sup>5</sup> Para saber mais sobre a reforma agrária de 1952 na Guatemala, recomendamos a leitura do sub-capítulo “La reforma agraria en Guatemala” (1993), escrito por Alfredo Guerra-Borges. O texto analisa as organizações camponesas, o processo de aprovação do decreto 900 e o impacto que a reforma causou no país.

entre os setores populares, inspirando “(...) sucessivas gerações de ativistas e revolucionários” (p. 19).

No segundo capítulo, Grandin analisa a contrarrevolução de julho de 1954 a partir da coalizão de três órgãos: a *Central Intelligence Agency* (CIA), a Igreja Católica e o Comitê de Estudantes Anticomunistas Universitários (CEAU). O autor afirma que a agência de inteligência estadunidense iniciou suas operações na Guatemala em 1947 e que a “ (...) PBSUCCESS, como se batizou a campanha, foi a mais ambiciosa operação secreta da CIA e servira de modelo para intervenções futuras” (p. 41). Em relação à Igreja, o principal eclesiástico que atacou a gestão de Arbenz foi o arcebispo Mariano Rossell y Arellano. Sua intenção era restaurar a autoridade da entidade católica. Desde os tempos de Ubico, Rossell y Arellano atacava o governo, mas tais investidas intensificaram-se após a adoção de programas sociais. Por conta da reforma agrária, o eclesiástico uniu-se aos latifundiários. Para o arcebispo, essa política era comunista e estava “ (...) fadada a levar a uma ‘ditadura agrária’” (p. 45). Apesar do anticomunismo e da oposição ao governo, a influência política da Igreja era limitada.

Sobre a participação dos estudantes, os agentes da CIA cooptaram jovens universitários do CEAU. Esse grupo era formado por filhos de fazendeiros que residiam na capital do país. O movimento estudantil visava enfraquecer o governo através de manifestações e de protestos. A estratégia do CEAU era conscientizar os guatemaltecos da “ameaça comunista” através de jornais e panfletos. Não obstante, a CIA tinha outros planos, como criar confusão, semear desconfianças, inventar suspeitas e dúvidas e intensificar o anticomunismo e o sentimento antigoverno. Os estudantes da CEAU foram usados pela inteligência estadunidense como “(...) peões na Operação PBSUCCESS” (p. 52).

A violência que irradiou no país com o golpe de 1954 é narrada no terceiro capítulo. Com a opressão dos governos autoritários são formadas guerrilhas para derrubá-los. Tais combatentes inspiraram-se na Revolução Cubana (1959).<sup>6</sup> Em meados da década de 1960, esquadrões de morte e “(...) grupos paramilitares desencadearam uma repressão horrenda contra os suspeitos de apoiar a guerrilha, servindo de linha de frente na campanha militar contra a pequena, mas crescente, insurgência” (p. 62). Nesse período, a intervenção da CIA aumentou. Essa agência financiou e treinou milícias do exército e criou listas de

<sup>6</sup> A relação entre Guatemala e Cuba é interessante. Como destaca Luis Ayerbe, “(...) o importante é a história conhecida do comportamento dos Estados Unidos em outras circunstâncias parecidas. Guatemala era o exemplo mais fresco na memória dos cubanos, sobretudo porque alguns dos protagonistas da revolução, como Ernesto Guevara, ali se encontravam no momento da derrocada de Arbenz” (AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p.59).

“subversivos”. A “operação limpeza” foi uma rede criada por forças locais (Exército, Polícia Judiciária e Polícia Nacional) com o apoio da CIA. Tal operação foi um importante passo no fortalecimento de um mecanismo de inteligência que “(...) continuaria mudando e expandindo-se ao longo de todo o conflito armado da Guatemala, a pedra angular de uma repressão estatal que, no fim da guerra, era responsável por mais de duzentas mil mortes e incontáveis torturas” (p. 70).<sup>7</sup>

Com o constante ataque proporcionado pelo governo, a esquerda passou por uma profunda transformação entre os anos 1960 e 1970. Nesse período, esse grupo deixou de concentrar-se “(...) exclusivamente na classe e no desenvolvimentismo, incorporou uma crítica do racismo e, além do proletariado urbano, identificou no campesinato um agente revolucionário potencial” (p. 77). Através da radicalização da Igreja Católica, que adotou a teologia da libertação, as organizações políticas passaram a significar mudanças estruturais em larga escala. A esquerda guatemalteca voltou-se para a organização rural, através das guerrilhas e do Comitê de Unidade Camponesa (CUC). A Igreja Católica, inspirada pelo concílio Vaticano II (1962-1965) e pela “pedagogia do oprimido”, introduziu um pensamento crítico entre os camponeses.

Concluindo o estudo, Grandin descreve a situação guatemalteca nas décadas de 1970 e de 1980. Nessa época, setores das Forças Armadas e da oligarquia “(...) começaram a manifestar descontentamento com a corrupção, a ineficiência e o caos violento, que marcavam o regime de Lucas García” (p. 101). A atuação das guerrilhas em todo país e os movimentos sociais pacíficos enfraqueceram a gestão de Fernando Romeo Lucas García (1978-1982). Efraín Ríos Montt assumiu o governo e adotou o discurso dos direitos humanos. Entretanto, os guerrilheiros e os comunistas ainda eram perseguidos por forças estatais.

A referente obra possui pontos positivos, entre eles a visão crítica sobre a participação dos Estados Unidos no golpe de 1954 e nos governos posteriores. Para o autor, o Departamento de Estado dos EUA e a CIA se aproveitaram da instabilidade política e da ansiedade dos grupos opositoristas em promover e planejar o golpe contra Arbenz. Diferente da visão de Edelberto Torres Rivas (1980) e de Eduardo Galeano (1967), Grandin minimiza a atuação dos EUA e da *United Fruit Company* no golpe. Para o autor, houve uma aliança entre as forças opositoras ao governo e o governo estadunidense. Sobre a participação ianque, Grandin coloca uma questão interessante: “(...) a revolução teria perdurado sem a intervenção dos Estados Unidos ou as contradições internas teriam imposto o seu declínio?” (p. 37). A

<sup>7</sup> Eduardo Galeano, no livro *Guatemala, País ocupado* (1967), narra a atuação das guerrilhas no interior do país e o terror nos campos e nas cidades, proporcionado pela “Operação Limpeza”.

questão altera o foco, considerando as elites guatemaltecas como protagonistas, ao invés de colocar a lógica de sua história nas mãos de outros países, grupos e indivíduos.

Entretanto, a concepção de democracia de Grandin é o ponto negativo do livro. Para ele, a democracia representativa na Guatemala nas décadas de 1970 e de 1980 seria menos uma realização do que uma derrota das percepções de emancipação da política popular que atingiram seu auge após a Segunda Guerra, mais precisamente durante os governos de Arévalo e Arbenz. A democracia latino-americana, e guatemalteca, “(...) pelo menos o seu conteúdo mais igualitário, tem sido perseguida incansavelmente – e tem sido caçada, dominada e derrotada” (p. 125). A percepção de democracia do autor é formada a partir de um modelo liberal-democrático europeu e estadunidense, o qual acredita que na América Latina não haveria um regime democrático forte e independente. Assim, os marcos teóricos criados na Europa e nos Estados Unidos dificultam a compreensão das particularidades e dos processos históricos latino-americanos.

## Referências

ADAMS, Richard N. “El estado de Ubico”. In: PÉREZ BRIGNOLI, Hector. **Historia general de Centroamérica: de la posguerra a la crisis**. Volume V. Colección: Ciencias Sociales Centroamericanas. Costa Rica: FLACSO, 1993.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

GALEANO, Eduardo. **Guatemala, País ocupado**. México: Editorial Nuestro Tiempo, 1967.

GRANDIN, Greg. **A revolução guatemalteca**. Tradução: Luis Antônio de Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 131 páginas.

GUERRA-BORGES, Alfredo. “La reforma agraria en Guatemala”. In: PÉREZ BRIGNOLI, Hector. **Historia general de Centroamérica: de la posguerra a la crisis**. Volume V. Colección: Ciencias Sociales Centroamericanas. Costa Rica: FLACSO, 1993.

LÖWY, Michael. “Notas sobre a recepção do marxismo na América Latina”. In: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo (Orgs). **América Latina: história, ideias e revolução**. São Paulo: Xamã, 1998.

RICUPERO, Bernardo. “Existe um pensamento marxista latino-americano?”. In: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo (Orgs). **América Latina: história, ideias e revolução**. São Paulo: Xamã, 1998.

TORRES RIVAS, Edelberto. **Guatemala: meio século de história política**. GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo (Org.). América Latina: história de meio século. Volume 4. Brasília: Editora da UnB, 1990.